OS TESTEMUNHOS EVANGÉLICOS

Além do testemunho de Paulo sobre a instituição da Eucaristia, temos ainda o dos três evangelhos: de Marcos, Mateus e Lucas. Os quatro relatos desta instituição apresentam ligeiras diferenças entre si; podemos dizer que coincidem substancialmente na forma de narrar o acontecimento e de reproduzir as palavras de Jesus. Tal coincidência não deriva da influência de Paulo, porque, embora a sua narração seja cronologicamente mais antiga, quanto à redação e difusão, as de Marcos e Mateus apresentam uma forma semítica que parece mais primitiva.

Com efeito, existem duas formas de relato da instituição, que se afirmaram independentemente uma da outra; por um lado, a forma referida por Marcos e seguida por Mateus; por outro, a forma referida por S. Paulo, e que influenciou o relato de Lucas.

Sendo mais semítica, a versão de Marcos e Mateus parece mais próxima da origem, mais literalmente fiel às palavras pronunciadas por Jesus. Todavia, a versão de Paulo não é menos solidamente garantida, na sua fidelidade essencial, da tradição de que provém; ela revela-se mais adaptada à linguagem e à cultura do ambiente grego. Todas referem uma tradição que tem na sua origem o próprio Jesus, de facto a Eucaristia só podia ser celebrada repetindo aquilo que Cristo tinha feito na Última Ceia.

A tradição referida por São Paulo é mais completa, mais integralmente fiel ao acontecimento e às palavras pronunciadas por Jesus. No seu conjunto, os quatro relatos nos ajudam a reencontrar a verdadeira origem da Eucaristia.

Versão de Marcos (14, 22-25) e de Mateus (26, 26-29)

Os relatos da instituição da Eucaristia, em Marcos e Mateus, são muito semelhantes. Em Mateus observamos uma ligeira ampliação em relação a Marcos, mas o essencial do relato é idêntico.

Convite para o banquete

A versão de Marcos diz «tomai»; a versão de Mateus diz «Tomai e comei». Este convite tem por base os relatos de Paulo e de Lucas e corresponde, certamente, à intenção de Jesus, que quando tomou o pão, disse «isto é o meu corpo»; portanto, Ele queria dar-nos o seu próprio corpo como alimento.

No relato de Marcos, o convite não é repetido em relação ao cálice:

> *«Enquanto comiam, tomou um pão e, depois de pronunciar a bênção, partiu-o e entregou-o aos discípulos dizendo: «Tomai: isto é o meu corpo.» Depois, tomou o cálice, deu graças e entregou-lho. Todos beberam dele. E Ele disse-lhes: «Isto é o meu sangue da aliança, que vai ser derramado por todos».* (Mc 14, 22-24)
>
> O relato de São Mateus contém as palavras: «Bebei todos», dá uma ênfase à participação universal.

O carácter universal do convite harmoniza-se, de modo muito particular, com as palavras da consagração do vinho, que declaram o sangue de Cristo derramado pela multidão, isto é, por todos os homens. Como o sacrifício do Salvador é oferecido por toda a humanidade, todos os homens são convidados a tomar parte no banquete eucarístico, no qual o sangue é dado como bebida.

Tal convite assemelha-se ao que foi dirigido pelo rei que preparou o banquete das bodas do seu filho: «Tudo está

preparado: vinde às bodas» (Mt 22, 4). Com o seu convite, o Filho faz «aquilo que vê fazer ao Pai»; aquilo que o Pai faz, «também o Filho o faz» (Jo 5, 19).

O meu sangue, sangue da aliança

> *«Isto é o meu sangue, o sangue da aliança, derramado por muitos»* (Mc 14, 24; Mt 26, 28).

A versão de Marcos e Mateus é mais simples é também está mais próxima à fórmula de conclusão da aliança de Deus com o povo hebreu, narrada no Livro do Êxodo. Aspergindo o povo com o sangue das vítimas animais, Moisés tinha declarado: *«Este é o sangue da aliança que o Senhor faz convosco através de todas estas palavras»* (24, 8). Jesus retoma esta fórmula, demonstrando assim o cumprimento de um rito que, no Antigo Testamento, mas acrescentando-lhe uma explicitação essencial: *«Isto é o meu sangue, o sangue da aliança»*.

Cristo não é apenas Aquele que realiza a aliança anunciada pelos profetas; Ele próprio é a aliança, estipulada a preço do seu sangue. N'Ele realiza-se a aliança em toda a sua amplitude, de modo a superar tudo aquilo que fora dito no passado sobre a nova aliança que Deus desejava estabelecer. Deus e homem numa única pessoa, Cristo representa, por um lado, Deus nas suas relações de amizade com a humanidade, e, por outro, a humanidade, na sua reconciliação com Deus através do sacrifício. A aliança verdadeira e definitiva baseia-se, portanto, na pessoa do Filho de Deus incarnado: n'Ele, a união entre divindade e humanidade assume uma forma única e perfeita.

O seu sangue derramado por muitos

Enquanto a versão de Paulo se limita a afirmar a presença do sangue, a de Mateus precisa que se trata do sangue oferecido em sacrifício por muitos, ou pelas multidões.

> *«Porque este é o meu sangue, sangue da Aliança, que vai ser derramado por muitos, para perdão dos pecados».* (Mt 26, 28)

O sangue de Cristo é derramado «por muitos», ou pela multidão», ou seja, por toda a humanidade. A aliança realiza-se através do sacrifício: o mistério da incarnação, só por si não seria suficiente. Devido aos pecados da humanidade, a aliança assume um carácter de reconciliação: «*derramado por muitos, para perdão dos pecados».*

O sangue do Filho de Deus, por Seu imenso amor, é derramado pela salvação da «multidão», isto é, de toda a humanidade. E este sangue que se oferece a beber. Além da eficácia do sacrifício para todos os homens, há, portanto, uma eficácia do banquete para os participantes na Eucaristia. Beber o sangue de Cristo significa entrar no mistério do sacrifício redentor, através de uma união mais íntima com o Salvador,

É o sangue é derramado pelas multidões. Na ideia de um resgate oferecido pela multidão, reencontramos o pressuposto da íntima ligação entre Cristo e a aliança; enquanto representante de todos os homens, Jesus conquista para eles a salvação, bem como a abundância da vida divina. E Ele que oferece o sacrifício, em nome de todos, transformando assim o destino de cada indivíduo.

São Paulo diz: *«Todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, anunciais a morte do Senhor, até que Ele venha»* (1Cor 11, 26). Enquanto fruto do sacrifício, o banquete em que o sangue de Cristo é oferecido como bebida adquire todo o seu valor. O sangue possui um valor tanto mais precioso, por ter sido derramado pela multidão.

O sacrifício contribui, assim, para a qualidade do banquete. O vinho tinto que era servido durante a refeição pascal fazia lembrar o sangue. No âmbito do rito hebraico, recordava o sangue do cordeiro pascal; na perspetiva da Eucaristia, testemunhava que Cristo, cordeiro pascal por excelência, dava o próprio sangue como bebida.

O sangue da aliança

São Marcos e São Mateus dizem simplesmente «sangue da aliança». Paulo e São Lucas dizem *«o cálice é a nova aliança no meu sangue».* A diferença pode parecer pouco importante ou pouco significativa. Todavia, ajuda-nos a compreender melhor qual era o pensamento de Cristo no momento da instituição da Eucaristia.

Uma das propriedades mais características da linguagem de Jesus, a simplicidade, faz-nos preferir o termo «aliança». Também somos levados a pensar que, provavelmente, a expressão «nova aliança» terá sido acrescentada por cristãos, que desejavam sublinhar a distância entre a aliança hebraica e a aliança cristã. Além disso, a origem mais arcaica da versão de Marcos e de Mateus incita-nos a considerar a simples menção de «aliança» como mais original.

Jesus, usando a palavra «aliança» queria dizer que Ele próprio é a aliança mais autêntica. Trata-se, com efeito, da única aliança real. As alianças que são recordadas no Antigo Testamento não passam de figuras da aliança única e definitiva que Deus tinha a intenção de celebrar com a humanidade. As alianças com o povo hebreu só eram eficazes em vista de Cristo, do Qual eram anúncio. Quando, nessas alianças, se realizava a reconciliação dos pecadores com Deus, e as culpas eram anuladas, o perdão

divino só era concedido com base no acontecimento futuro do sacrifício redentor.

Aqueles que identificaram Jesus com a nova aliança puderam exprimir, deste modo, aquilo que fora implicado na sucessão temporal, contrapondo a nova à antiga aliança. Ou então, puderam aplicar a Jesus a instauração de uma «aliança nova», com base na profecia de Jeremias (31, 31). A expressão tem um sentido legítimo porque, de qualquer forma, embora falando simplesmente de aliança, Jesus pretendia uma nova aliança, que instaurasse um novo regime de graça para a humanidade.

Todavia, Jesus preferia a expressão mais simples de «aliança», como mais adequada e mais rica de significado. Não pensava em termos do desenrolar da história e das eras que se vão sucedendo. Via a sua missão ligada a toda a vida da humanidade.

Ele é a única aliança para todos os tempos, porque só Ele une a humanidade ao Pai e faz beneficiar da bondade misericordiosa do Pai os homens que têm necessidade de perdão. O seu sangue é dado a beber como aliança perpétua em todas as celebrações eucarísticas que se multiplicam no mundo.

A expressão utilizada na liturgia: «nova e eterna aliança», põe em destaque aquilo que Jesus quis dizer com o único termo «aliança». A aliança é nova, porque se identifica com Cristo; assim, é fundamentalmente diferente da aliança instaurada na religião hebraica, que tinha apenas um valor de preparação e prefiguração. Ela é nova, pela própria novidade de Deus, que se revelou na incarnação redentora.

A aliança é eterna, não só porque está destinada a permanecer para sempre e a guiar o futuro da humanidade, mas também porque, em virtude da eternidade divina, abrange todo o passado; ela cobre toda a duração da história humana, desde o princípio

até ao fim. Através desta aliança, Cristo faz entrar os homens na eternidade celeste, que superará o fim do mundo até ao infinito.

Mediante a comunhão do sangue de Cristo, a Eucaristia faz penetrar a nova e eterna aliança na vida humana. E a única aliança que fixa, de modo definitivo, a sorte do destino humano, no seu nível mais elevado.

«Para a remissão dos pecados»

Só o relato de Mateus, na fórmula da consagração do vinho, contém a expressão: «para a remissão dos pecados» (26, 28). Estas palavras destinam-se a indicar, mais claramente, o objetivo do «sangue derramado por muitos». Trata-se de um sacrifício expiatório, ou seja, de um sacrifício oferecido para obter a remissão dos pecados. Este género de sacrifício já existia no culto divino, onde desempenhava um papel muito importante.

Trata-se de um sacrifício único, porque, em vez das vítimas animais, que eram imoladas, aqui aparece não só uma vida humana, mas Aquele que oferece o sacrifício é a pessoa divina do Filho de Deus; Ele entrega-Se voluntariamente à morte, a fim de obter o perdão para a multidão dos homens. O sacrifício expiatório reveste-se, portanto, de uma grandeza surpreendente e faz compreender, sobretudo, a gravidade do pecado da humanidade. Com efeito, foi este pecado que, por livre decisão da soberania divina, provocou a oferta do sacrifício.

Terá Jesus pronunciado, verdadeiramente, estas palavras? Não temos a certeza. Com efeito, poderiam levar-nos a supor que o único objetivo do sacrifício era a remissão dos pecados, ao passo que o objetivo era mais vasto: através do seu sacrifício, Jesus queria obter o dom da vida eterna para os homens; o «bom pastor

dá a vida pelas suas ovelhas», para que tenham a vida, e a tenham em abundância (Jo 10, 10-11).

Contudo, é verdade que o sacrifício do Calvário se destinava a comunicar essa vida mais abundante, concedendo a remissão dos pecados. Assim, as palavras registadas na versão de Mateus exprimem uma verdade essencial, a vitória, referida por Cristo, sobre as potências do mal. Elas recordam que o mundo é um mundo pecador, mas que foi salvo. Cada celebração eucarística apresenta-se, assim, como mais forte do que todo o mal do mundo. Aqueles que se deixam impressionar, ou até desanimar, pelas manifestações do mal no universo, encontram na Eucaristia uma resposta para os seus sentimentos de tristeza. A Eucaristia renova a vitória definitiva do Salvador sobre todas as forças do mal, e comunica, de forma abundante, uma vida de amor, cuja concessão acompanha a remissão dos pecados.

As palavras da instituição em de São Lucas (22, 19-20)

No que se refere às palavras pronunciadas por Jesus aquando da instituição da Eucaristia, a versão de Lucas coincide com a de Paulo, mas dando maior realce à intenção do sacrifício.

> *«Tomou, então, o pão e, depois de dar graças, partiu-o e distribuiu-o por eles, dizendo: «Isto é o meu corpo, que vai ser entregue por vós; fazei isto em minha memória.» Depois da ceia, fez o mesmo com o cálice, dizendo: «Este cálice é a nova Aliança no meu sangue, que vai ser derramado por vós».* (Lc 22, 19-20)

A expressão «para vós» parece uma aplicação particular referida à comunidade presente, reunida para a celebração.

Na consagração do cálice, São Paulo se limita a defini-la como «nova aliança no meu sangue», São Lucas acrescenta «derramado por vós». O sangue é derramado pela multidão e,

portanto, pelos participantes na ceia, tal como o corpo é entregue por eles. A referência ao sacrifício permite compreender o dom do corpo e do sangue no seu justo valor.

A ambientação escatológica

O texto de Lucas implica dificuldades de interpretação pelo facto de que, antes das palavras da instituição da Eucaristia, são referidas mais duas declarações relativas à ceia pascal.

> *«Quando chegou a hora, Jesus pôs-Se à mesa com os apóstolos. E disse: «Tenho desejado ardentemente comer esta Páscoa convosco, antes de sofrer. Pois digo-vos: nunca mais a comerei até que ela se realize no Reino de Deus». Então Jesus tomou o cálice, agradeceu a Deus e disse: «Tomai e reparti entre vós; pois Eu vos digo que nunca mais beberei do fruto da videira, até que venha o Reino de Deus»* (Lc 22, 14-18).

Como entender estas duas afirmações, e como precisar a sua ligação com a instituição da Eucaristia? Podemos dizer que elas constituem a ambientação escatológica do banquete pascal. A primeira declaração foi pronunciada no início da refeição, sendo provável que a última o tenha sido como conclusão. Ambas foram referidas por São Lucas antes do relato da instituição, devido à sua íntima ligação, embora uma preceda a instituição e outra a siga.

Jesus deseja este banquete, de forma muito particular, como um banquete que terá o seu cumprimento no reino de Deus. Jesus tem pressa de realizar esse cumprimento; realizá-lo-á através da Eucaristia, que será celebrada no seu reino, isto é, na Igreja.

Trata-se de um cumprimento escatológico, porque a instauração do reino de Deus pertence aos últimos tempos. A Eucaristia será

um banquete terreno, no qual o alimento celeste será dado aos homens para desenvolvimento de um reino, que deve espalhar-se pelo mundo, e preparar a entrada na alegria definitiva.

A segunda declaração escatológica é feita no momento do último cálice. Como o banquete pascal incluía quatro cálices, trata-se do quarto. O terceiro, chamado cálice da bênção, não podia dar lugar a esta declaração, visto que Jesus afirma que já não beberá mais do fruto da videira; só o último cálice podia realizar a profecia. Além disso, Jesus não podia beber o quarto cálice, consagrado para conter o vinho eucarístico. A comunhão com o seu sangue era um gesto destinado apenas aos seus discípulos.

Assim, só depois do quarto cálice do banquete pascal devia ter lugar a instauração do reino de Deus. Manifesta-se assim a ligação da Eucaristia com a vinda do reino, ou seja, com o desenvolvimento da Igreja, porta de entrada no reino celeste.

O testemunho de São João

O Evangelho de João não relata a instituição da Eucaristia. Podemos interrogar-nos porque razão ele não nos terá transmitido uma narração que se reveste de tanta importância no ensinamento de Paulo e nos Evangelhos sinópticos.

A razão essencial deste silêncio encontra-se, ao que parece, na intenção do evangelista, que queria completar as informações dadas pelos outros Evangelhos e que considerava; sobejamente atestadas por eles as suas palavras e os gestos com os quais Jesus tinha instituído o rito eucarístico. Tratava-se, aliás, de um rito tanto mais conhecido, porquanto continuava a ser reproduzido nas comunidades cristãs. O Evangelho de João contém duas adições essenciais aos ensinamentos fornecidos pelos outros Evangelhos sobre o relato da instituição.

João refere, sobretudo, o primeiro anúncio da Eucaristia, feito na sinagoga de Cafarnaum, depois do milagre da multiplicação dos pães. O próprio modo de descrever o milagre, recordando que Jesus tinha tomado os pães e «dado graças» (6, 11), fazia entrever a oração que daria o nome à Eucaristia. No discurso feito para revelar o significado do milagre (6, 26-28), Jesus manifesta a sua intenção de dar o seu corpo como alimento e o seu sangue como bebida, intenção muito firme, porque declara a necessidade deste banquete para ter a vida eterna. Além disso, definindo-Se a Si próprio como pão descido do céu, ou pão da vida, sublinha a relação entre Eucaristia e incarnação. Precisa ainda que o seu corpo e o seu sangue eram dados no seu estado glorioso, no qual estarão cheios da vida do Espírito (6, 61-63). Assim, faz incidir uma luz essencial sobre o significado do banquete eucarístico.

Além disso, é necessário compreender a componente sacrificial do banquete, com base nas palavras: «O pão que Eu vos der é a minha carne para a vida do mundo» (6, 51). Estamos frente a uma afirmação muito próxima da fórmula de consagração do pão, porque «é a minha carne para a vida do mundo» equivale, mais ou menos, a: «isto é o meu corpo, entregue por vós».

A promessa da Eucaristia já continha, portanto, tudo aquilo que viria a ser realizado através da instituição; assim, compreendemos melhor por que razão João não considera necessário repetir o relato da instituição, que os cristãos ouviam continuamente na liturgia.

Uma segunda adição não é menos importante: o Evangelho de João dá-nos a conhecer gestos e palavras que caracterizaram a Última Ceia. Conta-nos o gesto do lava-pés e as palavras ditas por Jesus como comentário do banquete eucarístico. Partindo da Eucaristia, o Mestre expõe mais amplamente do que nunca os pontos essenciais da sua doutrina, como novo mandamento do amor. A oração que encerra este ensinamento ilumina o impulso

de oferta e de ação de graças que caracteriza a Eucaristia (17, 1-26).

João, com efeito, é o evangelista que melhor nos revela a Eucaristia como mistério da eternidade divina, que penetra no ambiente humano. No prólogo do seu Evangelho, já tinha apresentado o Verbo que Se faz carne. Esta carne, assumida por uma vida humana semelhante à nossa, é a mesma que se dá como alimento na Eucaristia. No discurso de interpretação da multiplicação dos pães, João sublinha a eternidade da vida comunicada pela Eucaristia. De facto, aquele que come a carne do Filho do Homem «tem a vida eterna» (6, 54). Trata-se da carne no seu estado glorioso, carne vivificada pelo Espírito. Não há dúvida que a comunicação da vida eterna demonstra a grandeza da Eucaristia: a eternidade, que pertence ao Filho do Homem, penetra nos corações humanos.

Isto não significa que o evangelista esqueça o valor próprio da vida humana. O Filho do Homem é o personagem divino que tomou a natureza humana, e a carne eucarística, embora animada pelo Espírito vivificante, continua a ser uma carne propriamente humana. O gesto histórico da instituição não é, de modo algum, relegado para a sombra; o Evangelho de João é o que nos faz viver mais concretamente aquilo que aconteceu durante a Última Ceia. Permite-nos apreender melhor os sentimentos de Cristo no momento da instituição da Eucaristia.

No drama da traição de Judas, é João que nos revela até que ponto Jesus foi tocado por aquela infidelidade, uma infidelidade que se consumou no momento do banquete eucarístico. No diálogo entre Jesus e os discípulos, constatamos que a Eucaristia tinha permitido as relações mais intensas de fidelidade e de confiança serena.

Temos necessidade de confirmação histórica acerca da instituição da Eucaristia, mas também a temos de aprofundamento espiritual do mistério; João ajuda-nos a fazê-lo.

O ambiente pascal da instituição

A instituição da Eucaristia ocorre numa perspetiva pascal, porque se realiza antes da festa da Páscoa hebraica. Contudo, tem havido discussões sobre a natureza do banquete consumado por Jesus com os seus discípulos. Ter-se-á tratado de uma verdadeira ceia pascal? A dificuldade deriva da divergência cronológica entre S. João e os sinópticos. Segundo os sinópticos, Jesus morreu na festa da Páscoa, ao passo que, para João, Ele morreu na véspera da festa. Contudo, se morreu na véspera, o banquete por Ele consumado com os discípulos não se poderia equiparar a uma ceia pascal, porque teria tido lugar na antevéspera da festa, na noite anterior à sua condenação à cruz. Levanta-se então a seguinte pergunta: podemos limitar-nos a afirmar a existência de um simples ambiente pascal durante a Ultima Ceia, ou esta deve ser vista como uma verdadeira ceia pascal? Como resolver o problema cronológico apresentado pela divergência entre João e os sinópticos?

Antes de examinar o problema da data exata da morte de Jesus, observamos que o testemunho evangélico não parece deixar dúvidas sobre o carácter pascal da Última Ceia. No primeiro dia dos Ázimos, quando se imolava a Páscoa, os discípulos perguntaram a Jesus: «Onde queres que façamos os preparativos para que comas a Páscoa?» (Mc 14, 12).

Jesus exprime-Se de forma análoga, quando diz aos seus discípulos que perguntem ao proprietário de certa casa: «Onde é a sala em que Eu e os meus discípulos vamos comer a Páscoa?» (Mc 14, 14).

São Mateus sublinha que as directivas do Mestre foram seguidas com fidelidade: «Os discípulos fizeram como Jesus mandou e prepararam a Páscoa» (Mt 26, 19). Não só o termo utilizado, a «Páscoa», indica sem dúvida alguma a ceia pascal, mas também o cuidado particular com que Jesus fez as recomendações para a preparação confirma a natureza pascal do banquete. A fidelidade, expressamente recordada, com que os discípulos seguiram as ordens recebidas, constitui uma confirmação suplementar.

Não menos característica é a frase de São Lucas (22, 15-16) já citada: «Tenho desejado ardentemente comer esta Páscoa convosco, antes de sofrer...» O facto de comer a Páscoa tem, portanto, uma importância manifesta. Além disso, ao dizer: «até que ela se realize», Jesus dá a entender que o banquete pascal, no seu significado fundamental, revestir-se-á de uma nova realidade no reino.

Além disso, foi possível identificar uma série de indícios que se harmonizam com as características próprias da ceia pascal, como, por exemplo, a alusão à pureza requerida para participar nessa refeição (cf. Jo 13, 10), ou a conclusão da ceia, com a última parte do canto de Hallel.

Cf. Comissão Teplógica do Grande Jubileu do Ano 2000, *Eucaristia, Sacramento de vida nova*, Paulinas, cap. II, *A origem da Eucaristia*, pp. 30-50.